



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO NO BRASIL (2020-2025): DISTRIBUIÇÃO REGIONAL, DEMOGRÁFICA, ECONÔMICA E DESFECHOS CLÍNICOS

DÉBORAH ANNY DE SOUSA MAGALHÃES OLIVEIRA; KARLINE TRINDADE BRAGA ALVES; ESTER PEIXOTO MARQUES; KALEBE RENCEL TRINDADE BRAGA

Introdução: O acidente vascular encefálico (AVE) caracteriza uma das principais causas de morbimortalidade no Brasil, gerando impactos nos custos hospitalares e na qualidade de vida da população de risco. No Sistema Único de Saúde (SUS), atualizações ao longo dos anos trouxeram uma melhoria na qualidade e no manejo dessas morbimortalidade, porém há persistência da desigualdade regional, que é contribuinte sobre comprometimento do cuidado equitativo. **Objetivo:** Analisar o perfil das internações hospitalares por AVE no Brasil entre 2020 e 2025, levantando em consideração os aspectos regionais e demográficos, como também impactos econômicos e de mortalidade hospitalar por AVE no Brasil. **Metodologia** Este trabalho seguiu uma abordagem descritiva e retrospectiva, com base em dados públicos disponíveis no Sistema de Informações Hospitalares do DATASUS (SIH/DATASUS). O foco principal foi analisar as internações causadas por acidente vascular encefálico (AVE), conforme o código I64 da CID-10, no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2025. **Resultados:** No intervalo de cinco anos, o país somou mais de 900 mil internações por AVE. A maior parte dos registros se concentrou na região Sudeste, seguida pelo Nordeste e pelo Sul. Os homens apareceram como maioria nos registros, especialmente a partir dos 60 anos de idade. O impacto econômico foi significativo, com gastos que ultrapassaram R\$ 1,5 bilhão ao longo do período. A taxa de mortalidade ficou em 14,86%, sendo a região Nordeste a que apresentou o índice mais elevado de letalidade. Quanto à permanência hospitalar, a média observada foi de 7,3 dias. **Conclusão:** Os dados analisados evidenciam disparidades regionais importantes. As internações por AVE ocorrem com mais frequência nas regiões mais populosas e atingem principalmente os idosos. A taxa de mortalidade elevada em algumas áreas, especialmente no Nordeste, levanta um alerta sobre a fragilidade de acesso a cuidados adequados e à estrutura assistencial. Isso reforça a necessidade de fortalecer medidas preventivas, melhorar o acesso a serviços especializados e, acima de tudo, enfrentar as desigualdades que ainda persistem no sistema de saúde público brasileiro.

Palavras-chave: **DESIGUALDADE REGIONAL; HOSPITALIZAÇÃO; ; MORTALIDADE**